

ESCUITA ATENTA, BRAÇO FORTE E MENTE ABERTA: elementos essenciais para a análise de dados em pesquisa qualitativa

Nas últimas três décadas, a pesquisa qualitativa tem sido muito empregada na área da saúde, e esta popularidade se deve, em grande parte, à inclinação dos pesquisadores em problematizar os aspectos que estão por trás dos números apresentados em pesquisas quantitativas e, pela necessidade de se franquear a manifestação das vozes que emanam da comunidade⁽¹⁾. Ademais, a acessibilidade aos estudos qualitativos também tem permitido a disseminação desta vertente no contexto científico, porém, críticos alertam que muitos ingressam na realização dos estudos qualitativos sem o devido preparo. Isto implica reprodução de aspectos da pesquisa quantitativa, o que é agravado pelo número reduzido de sujeitos estudados, com apresentação de transcrições de relatos ou mesmo de registros escritos, além das falhas relacionadas à aproximação epistemológica⁽²⁾.

Frente a este panorama, ressalta-se que os dados provenientes de pesquisas qualitativas merecem ser submetidos a um processo de análise criterioso e adequado aos objetivos do estudo e à perspectiva analítica escolhida, além de obedecer a um rigoroso arcabouço metodológico. A análise destes dados permite revelar uma variedade de temas, além do reconhecimento da forma como os sujeitos de pesquisa se apresentam e emoldam suas comunicações⁽³⁾. Para tanto, o pesquisador deve ter como compromissos a leitura, releitura, organização, integração e interpretação genuína dos dados.

Destaca-se que a fase de análise dos dados implica pelo menos três grandes desafios para os pesquisadores qualitativos: a) a inexistência de padrões analíticos, implicando dificuldade de descrição, validade e confiabilidade da análise; b) o trabalho exaustivo e criterioso, pois é necessário imputar significação a um grande volume de material; e c) necessidade de habilidades indutivas (indução do coletivo a partir de manifestações particulares) associada à criatividade⁽⁴⁾. Como se pode notar, os desafios a serem superados neste tipo de análise são significativos, e o grande volume de dados, diferença importante desta modalidade de pesquisa, configura-se como a característica que mais “assusta” os pesquisadores, em especial aqueles que estão iniciando uma trajetória de pesquisa qualitativa.

Por outro lado, como forma de delimitar melhor o material que será efetivamente explorado ou ainda o *corpus* do estudo (dados principais a serem considerados), a análise em pesquisa qualitativa exige o controle dos dados que é, naturalmente, uma etapa reducionista. Porém é construcionista, à medida que permite agregar padrões conceituais e significativos. A organização e o controle dos dados podem requerer o desenvolvimento de um esquema de categorias o qual, se bem definido, pode apontar informações que serão vistas e revistas continuamente, exercício este, necessário para se responder às questões de pesquisa. O esquema de categorias, por sua vez, pode ser estabelecido antes da obtenção dos dados (estilo moldado) ou após a obtenção destes (estilo editorial)⁽⁴⁾. Tal classificação mostra-se pouco difundida, sobretudo, nas descrições metodológicas de artigos científicos; no entanto, pode constituir-se em uma referência para os consultores na avaliação da trajetória analítica percorrida pelos autores de trabalhos qualitativos.

Assim como as categorias, os temas são elementos importantes na análise de dados em pesquisa qualitativa. Tema constitui-se em uma unidade abstrata que transmite significado e identidade a uma experiência atual e às variantes de sua manifestação⁽⁴⁾. A identificação de temas dificilmente se constitui em um processo ordenado, pois o pesquisador pode chegar aos temas iniciais, visitar os dados e descobrir que estes já não

são capazes de traduzir o conteúdo ou até mesmo não responder aos objetivos do estudo. A sensibilidade do pesquisador pode ser refletida a partir dos questionamentos recorrentes acerca dos temas que emergiram, os quais podem ser apresentados como subtítulos dos resultados. Ressalta-se que o processo de obtenção dos temas é muito importante e deve se afastar das descrições e passar para níveis mais refinados e aprofundados.

Depois de desenvolvido o esquema de categorias, todos os dados precisam ser lidos e codificados para que correspondam às categorias. Na organização e codificação dos dados podem ser utilizados métodos manuais ou computacionais. Os manuais caracterizam-se pelo desenvolvimento de arquivos físicos para cada categoria e códigos, produtos de trabalho literalmente manual com o papel, como recortes e colagens. Por outro lado, os computacionais, representados pelos softwares de análise de dados qualitativos assistidos por computador (CAQDAS – sigla do inglês) permitem a inserção de arquivos de dados, e facilitam a codificação e a revisão do material. No entanto, o processo de codificação e a análise propriamente dita continuam inerentes ao pesquisador. Assim, existem vantagens e desvantagens e, ainda, adeptos de cada método⁽⁴⁾.

De todo modo, a avaliação de uma pesquisa qualitativa deve ser criteriosa, essencialmente, em relação ao processo de análise, porém, não constitui-se em uma tarefa fácil. É preciso levar em consideração vários aspectos, dentre eles, o julgamento no processo de codificação dos materiais, a coerência dos exemplos reais citados, a descrição do processo indutivo (que não é nem um pouco simples), a documentação do processo analítico e a delimitação da abordagem usada para a análise (etnografia, fenomenologia, teoria fundamentada, análise de conteúdo, análise do discurso, etc). A avaliação da consistência no uso da abordagem delimitada, fornece subsídios para a verificação de possíveis equívocos ou até de mistura de diferentes perspectivas⁽⁴⁾.

Por fim, é preciso reconhecer que, atualmente, a complexidade da pesquisa qualitativa tem se escondido, diversas vezes, por detrás de uma imagem simplista que desmerece e reduz sua aplicabilidade e desmoraliza a relevância científica de seus achados. Uma análise suficientemente boa dos dados em pesquisa qualitativa requer, escuta atenta para captar aquilo que o mundo tem a nos contar/mostrar, braço forte para a transcrição desta realidade ou de representações desta, e mente aberta para perceber o contexto, as nuances e conexões nas quais os dados estão imersos.

Guilherme Oliveira de Arruda

Doutorando em Enfermagem na Universidade Estadual de Maringá. Membro do Núcleo de Estudos, Pesquisa, Assistência e Apoio à Família - NEPAAF.

Sonia Silva Marcon

Doutora em Filosofia da Enfermagem. Professora da Graduação e Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá. Coordenadora do NEPAAF.

Referências

1. Keer LRFS, Kendall C. A pesquisa qualitativa em saúde. *Revista Rene*. 2013. 14(6): 1061-63.
2. Creswell JW. *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches*: Sage; 2012.
3. Gibbs G. *Análise de dados qualitativos*. Editora: Bookman. 2009. 198 p.
4. Polit DF, Beck CT. *Fundamentos da pesquisa em enfermagem: avaliação de evidências para a prática de enfermagem*. 7ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. 669 p.